

# O DOPING AO LONGO DO SÉCULO XX NA FRANÇA: REPRESENTAÇÕES DO PURO, DO IMPURO E DO SEGREDO

Dndo. ERIC PERERA

Unité de Formation et de Recherche des Sciences et Techniques de Activités  
Physiques et Sportives de Montpellier (UFR-STAPS) Université Montpellier I

PhD. JACQUES GLEYSE

Professor Titular

L'Institut Universitaire de Formation des Maîtres (UFM) de L'Académie de Montpellier

JeuneEquipe - 2416 Université Montpellier I

Génie des procédés symboliques en sport et santé

E-mail: Jacques.gleyse@wanadoo.fr

Tradução: Marie-Sophie Guieu Camarão Telles Ribeiro

Revisão técnica: Carmen Lucia Soares

## RESUMO

*Este artigo trata dos sistemas de representação do doping em quatro importantes periódicos esportivos franceses, durante o século XX. Pureza, impureza e segredo são três conceitos que permitem entender como estes sistemas foram organizados no decorrer do tempo. O estudo se baseia nos trabalhos antropológicos de Mary Douglas concernentes aos conceitos de poluição, pureza e impureza. O conceito de segredo foi igualmente considerado uma vez que se constitui em um dos elementos decisivos para entender a relação entre os dois precedentes.*

*PALAVRAS-CHAVE: Doping; história do esporte; pureza e impureza; ciclista.*

## INTRODUÇÃO

Há pelo menos três décadas que as práticas de dopagem questionam a atividade esportiva de alto nível e, talvez mesmo, na França, a partir de um certo tempo, aquela de nível regional. Um grande número de autores evidencia o problema ético dessas práticas (Noret, 1990; Laure, 1995; Petitbois, 1998; Jennings, 2000; Schneider, Hong, Butcher, 2004). A comunidade médica, por outro lado, evidencia a perspectiva sanitária dos atletas como central na definição dos limites dessa prática (Yonnet, 1998; Brissonneau, 2003). Os riscos ligados ao doping são divulgados e tratados de modo a alertar os atletas “mal informados” (Ducardonnet, Porte, Boulanger, 1995; Bourgat, 1999; Walder, 1999). Paralelamente, a luta antidoping procura colocar um ponto final no fenômeno buscando na ciência meios cada vez mais confiáveis de detecção (Houlihan, 1999; Auneau, 2001; Mottram, 2003). Todavia, há milênios e em todos os domínios, o homem procura ultrapassar suas próprias performances naturais com a ajuda de substâncias artificiais tendo por finalidade ir mais rápido, mais longe e por mais tempo; mas o uso de substâncias artificiais pode ter também como objetivo perspectivas rituais como ritos de passagem e de iniciação.

De qualquer modo, a história do esporte é recortada freqüentemente pela história do doping e alguns autores não hesitam em ilustrá-lo (Mondenard, 2000; Laure, 2004).

Nos dias de hoje o doping permanece numa realidade muito bem ancorada nas mentes e na mídia. Os depoimentos retumbantes, assim como os escândalos midiáticos desses últimos anos, contribuíram para a sua banalização. O doutor De Lignières, por exemplo, afirma diante das câmeras de televisão, por ocasião do encerramento do Congresso de Medicina do Esporte em 1980, que “70% dos atletas franceses de alto nível se dopam [...]” (Noret, 1990, p.15).

Constata-se que uma real conscientização só tornou-se efetiva há aproximadamente vinte anos embora a prática do doping exista, provavelmente, desde as primeiras competições esportivas. Segundo G. Peters (apud N. Midol, 1991, p. 125), são somente as substâncias empregadas que variam ao longo do tempo e cujo conteúdo continua a evoluir rapidamente.

Encontramos a principal fonte de nossas informações sobre esse assunto em quatro importantes periódicos esportivos franceses: *La vie au grand air*; *Le miroir des sports*, *L'auto* e *L'équipe*. Esses periódicos analisados a partir de 1903 durante a realização do Tour de France cycliste, constituem o essencial de nosso *corpus*; foram analisadas também, como tema secundário as copas do mundo de futebol e os jogos olímpicos do mesmo período.

A imprensa do século XX cobre de maneira significativa praticamente todos os eventos esportivos. De fato, os exemplares do periódico *L'Auto* surgem em 1903 e permanecem até 1914; *La vie au grand air* é publicada e difundida de 1898 a 1920; *Le miroir des sports* cobre o período de 1948 a 1968, e, finalmente *L'Équipe* surge após a Segunda Guerra Mundial, em 1946, e será consultado até o ano de 1998, ano de L'affaire festina ocorrido durante o Tour de France cycliste .

Para a realização deste estudo foram consultados, no total, 582 artigos concernentes ao doping e, de um modo geral, as denominadas ajudas “ergo-gênicas”. No plano teórico, finalmente, a análise dos diferentes artigos baseou-se no tríptico formado pela dualidade entre o puro e o impuro condicionados pelo conceito do segredo.

O *puro* e o *impuro* são conceitos utilizados pela antropóloga Douglas (1967) que propõe uma reflexão sobre a sujeira e a poluição como fatos sociais, mostrando que: “a reflexão sobre a sujeira implica na reflexão sobre a relação da ordem à desordem, do ser ao não ser, da forma a ausência de forma, da vida à morte” (Douglas, 2001, p. 27). Ela afirma ainda que: “O impuro justifica uma rejeição. Ele é acusação, execração. Como um rótulo que seria colocado numa certa pessoa e que poderia lhe provocar o exílio ou a morte” (Douglas, 1998, p. 9). Esta reflexão rememora a estigmatização relativa aos procedimentos ligados ao doping, quando, nas últimas décadas, um atleta de alto nível é detectado como positivo após o exame antidoping. De fato, a pureza ameaçada “desencadeia as paixões dos membros de qualquer sociedade” (Douglas, 2001, p. 201).

O segredo constitui um terceiro aspecto a ser considerado para apreender o movimento contraditório do “tudo ou nada”, do “puro ou impuro”. Efetivamente, o *impuro* é muitas vezes associado, no que concerne ao doping, à noção de segredo. Ele oculta possivelmente o impuro dando-lhe a aparência inversa, mas o segredo pode também, como o veremos, transformar o puro em impuro. É através desta ambigüidade e desse filtro teórico que analisaremos o fenômeno do doping e, de um modo geral, aquele das denominadas ajudas “ergo-gênicas”.

## METODOLOGIA DA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

Para a realização deste estudo tomou-se como referência o método de análise qualitativa clássico de conteúdo. Os temas escolhidos para selecionar os artigos dos periódicos estudados foram os seguintes: a ação de dopar, doping, trapaça, alimentos, nutrição, *soigneurs*<sup>1</sup>, treinadores, mistério, venenos, médicos, tratamen-

---

1. *Soigneurs*: pessoa que, antes da Segunda Guerra Mundial, mais exatamente no período entre guerras, cuidava integralmente dos atletas através de massagens, dietas alimentares, remédios etc.

tos, fraudes, *charge*, *topette*, excitantes... mas, igualmente segredo, puro ou impuro, saudável ou doentio.

## A ÁGUA PURA COMO MODELO INICIAL

Um artigo publicado no periódico *Miroir des sports* da quinta-feira de 9 de fevereiro de 1922 (p. 90) teve como título “Para dar confiança aos corredores: a garrafa mágica”. Esse texto é muito interessante uma vez que apresenta uma espécie de dupla leitura muito típica de todos os artigos escritos e publicados até mais ou menos a Segunda Guerra Mundial. O texto de Géo André descreve algumas cenas dos jogos olímpicos de 1908:

No campo, fui de imediato, surpreendido por todas as precauções tomadas pelos meus adversários. [...] reparei, [...] que os treinadores presentes, dissimulavam sob os roupões umas garrafas que apanhavam [...] para dar de beber a seus “potrinhos”<sup>4</sup>. Não havia dúvida: essas garrafas continham produtos especiais que pareciam dar aos saltadores qualidades de elasticidade [...] desconhecidas. Apesar de não ter tomado o conteúdo destas famosas garrafas mágicas, acabei triunfando sobre todos, menos sobre o vencedor. [aqui, Géo André conta que roubou uma das garrafas mágicas, pois estava certo que elas continham um produto duvidoso]. Fui na farmácia e pedi ao farmacêutico para analisar a minha água [...]. A água analisada possuía grande pureza e não havia nela nada de anormal.

Na verdade, a moral dessa história tem por finalidade demonstrar que não há: “segredos sensacionais ligados ao treino: a simples lógica e o bom senso, acompanhados por uma longa prática e por um espírito observador”, são suficientes.

Um sistema mitológico constitui-se no esporte de alto nível valorizando uma prática sã, sem doping, bem como uma imagem de pureza do atleta, semelhante à água pura. O atleta é associado simbolicamente à sua pureza, à sua transparência. Tudo aquilo que poderia macular essa pureza ou obscurecê-la seria suscetível de alterar o mito.

Mas esse discurso de Géo André tem também por finalidade colocar em evidência um sistema de prescrições, proibindo práticas consideradas moralmente

---

2. *Charge*: uma droga forte que visa dopar, de modo violento, um atleta.

3. *Topette*: cantil de forma achatada usada pelos corredores ciclistas contendo, muitas vezes, uma substância estimulante que provoca um súbito bem estar físico. Nota do tradutor: *topette*, *charge* e *fortifiant* são termos utilizados na gíria dos ciclistas franceses e neste artigo, optamos em manter o sentido dado por esses atletas, e utilizado pelo autor.

4. Nota do tradutor: Potrinhos: palavra que corresponde à alguém que é “protegido”; é um jogo de palavras oriundo do universo das corridas de cavalo.

repreensíveis: o uso de produtos dopantes ou estimulantes. “A água pura” é confrontada com “produtos especiais” criando uma relação de oposição.

A natureza de algum modo é colocada em conflito com a química ou a farmacopéia, o puro ao impuro; vemos claramente, portanto, que é o segredo, antes de tudo, que se apresenta como decisivo para a existência possível da desconfiança. Assim, Géo André, ao revelar o segredo e desnudar o puro, evidencia a ajuda “ergo-gênica” como não mais problemática.

### O CASO MALLEJAC COMO REVELAÇÃO?

É a dicotomia puro *versus* impuro, são *versus* doentio que conduzirá ao nascimento de uma verdadeira luta governamental contra o doping a partir dos anos de 1960 e a sua denúncia por toda a mídia na década seguinte. Voltamos a encontrar aqui, claramente, os sistemas de oposições e de proibições evidenciados por Mary Douglas (1999, 1967). De fato, as proibições e as permissões alimentares, nutricionais, mas igualmente comportamentais, representam a metáfora da estrutura de uma sociedade. Do mesmo modo, as ajudas “ergo-gênicas” quando transformadas em doping testemunhariam a sociedade esportiva na qual elas se inscrevem. Os conceitos de puro e impuro, nessa visão, podem ser utilizados para analisar o espaço social do esporte de alto nível.

Nos primeiros tempos de sua publicação, os periódicos estudados não apresentam uma preocupação com o doping e sim em fazer do atleta um modelo de pureza, mas isso antes do caso Mallejac, (*Miroir des sports*, 4 jul. 1955, p. 39), isto é, antes que se constatasse que a opacidade envolvia o comportamento de alguns concorrentes que se valiam da ajuda de medicamentos.

O artigo publicado no *Miroir des sports* (4 jul. 1955, p. 39) afirma que: “a ‘queda’ de Mallejac recolocou o doping na atualidade”. Falar em recolocação do doping na atualidade parece um equívoco, o mais adequado seria falar em “colocação do doping” na atualidade. De fato, se anteriormente o tema do doping era discutido entre jornalistas (antigos corredores ciclistas na maior parte), corredores ciclistas e treinadores, nada sobre o assunto aparecia no *corpus* tratado. Os jornalistas esportivos não evocavam esses problemas antes de 1955 a não ser, excepcionalmente e na maioria das vezes de modo irônico e jocoso, como se o doping fosse um jogo. Assim, se o segredo do doping existia, ele estava muito bem guardado pela mídia, ao menos entre os periódicos estudados e no *corpus* analisado. É o desfalecimento de Mallejac tão próximo da morte que leva a mídia a revelar o segredo.

A queda de Mallejac conduz a um inquérito sobre “o mal vergonhoso do ciclismo, mal protegido por uma verdadeira conspiração do silêncio” (*Le miroir des*

*sports*, 4 jul. 1955, p. 39). A questão seria entender porque os jornalistas esportivos e a mídia esportiva decidiram dar foco à sua ruína em plena luz do dia para o grande público. Talvez tenham percebido uma ameaça para o equilíbrio do poder na sociedade esportiva.

O doutor Dumas, inspirador da luta antidoping no Tour de France (*L'Équipe*, 14 jul. 1959) no artigo “Não há fumaça sem fogo” – afirma estar “decidido a entrar na justiça por tentativa de envenenamento”.

Durante o caso Mallejac, persiste entre os jornalistas e o doutor Dumas a seguinte questão: “quem preparou o *topette*?” Ora, se os olhares dos jornalistas se dirigem para os *soigneurs*, como será o caso em outras oportunidades, o discurso do doutor Dumas evoca, por outro lado, “uma conspiração de silêncio entre os corredores”.

Marcel Bidot descobriu recentemente, num quarto, comprimidos liberados somente com receita médica e que podem apresentar efeitos terríveis. Quando perguntou a quem pertenciam, houve a conspiração do silêncio (*L'Équipe*, 14 jul. 1959).

Na realidade, em função do modelo teórico de análise que adotamos, os corredores só podem ser puros. Se eles preservam o segredo, é para manterem-se assim, porém, paradoxalmente, existe uma segunda lógica, extremamente eficiente também: a lógica que valoriza a transparência absoluta, portanto, o não segredo e até mesmo sua proibição. Assim, todo produto puro poderá tornar-se um produto impuro se for maculado pelo selo do segredo, exceto no caso de segredo médico. O médico passa a ser então o vetor principal do restabelecimento da ordem social.

Logo após o desfalecimento de Mallejac, associado ao uso de anfetaminas, ocorre a morte do dinamarquês Jensen em 1960 (*L'Équipe*, 30 set. 1960), fato que revela claramente, de um lado, o uso de “Ronicol”, remédio que intensifica a circulação sanguínea e, de outro, a periculosidade sanitária dos produtos utilizados. Um tipo de equilíbrio entre o normal e o patológico, o puro e o impuro, aparece e toca os limites da vida e da morte. O produto que supostamente cura, mata.

A partir de 1964 *Le miroir des sports* anuncia com toda a clareza que um controle antidoping é colocado em cena.

Todavia, outras questões permanecem: a) Porque os periódicos estudados falam desse segredo do doping somente em 1955? b) Porque os periódicos acreditam-se obrigados à transparência a partir do caso Mallejac, uma vez que essa antes não era evidente? c) Seria por razões intradiscursivas ou sociais ligadas a uma “episteme” mais ampla?

Antes do caso Mallejac, o doping era raramente evocado de maneira explícita pela mídia estudada e mesmo a suspeita não aparecia de forma tão nítida como a partir dessa data chave. Poderíamos mesmo nos perguntar se uma certa tolerância não era aceita quanto à utilização de produtos estimulantes como, por exemplo, aqueles associados aos *fortifiants*<sup>5</sup>. A pureza é, portanto, colocada em primeiro plano nas práticas dos corredores, poderíamos dizer mesmo, uma espécie de pureza ascética.

#### A construção da pureza na alimentação

Os corpos de atletas e corredores quando representados pela mídia glorificam uma alimentação sadia, ajudas curativas aparecem eventualmente, tais como “as pontas de fogo”, isto é, a implantação de agulhas queimadas ao fogo nas zonas inflamadas, o tratamento do mal pelo mal. No início do século XX, notadamente no periódico *La vie au grand air*, o tema mais recorrente do mundo ciclista são as “fraudes de todos os gêneros”, como aquelas dos pregos jogados na rua ou de trapaças do tipo: usar de atalhos, alimentar-se fora dos pontos marcados para esse fim, entre outros. Um artigo desse respectivo periódico de 1904 é explícito: “Todos trapaceiam nesta corrida” (n. 597).

Os únicos elementos encontrados no início do século concernentes aos auxílios “ergo-gênicos” são: uma alimentação sadia como o chá, o champagne, o café, a limonada e a carne vermelha, além de um treino racional (*La vie au grand air*, 1919).

Porém, como já vimos, elementos de suspeição podem ser identificados em segundo plano, como uma espécie de grau secundário conforme o artigo de Géo André em 1922.

O que se define aqui é, sem dúvida, a pureza do campeão e de tudo aquilo que ele absorve e toca, e não aquilo que é impuro. De um certo modo faz-se necessário delimitar, em primeiro lugar o puro, para mais tarde, eventualmente, pressupor o impuro.

Para pensar o doping deve-se definir o impuro e o puro?

O discurso sobre o doping não pode existir se não como o contraponto de um estado de “pureza natural” (Foucault, 1962<sup>6</sup>) descrito nos primeiros artigos sobre o esporte.

---

5. Fortificantes: produtos muito mais brandos e utilizados legalmente que podem ser por exemplo, um caldo de carne e não necessariamente um doping.

6. Ver Foucault (1962), em que trata, analogicamente, acerca da loucura e da razão.

Não é possível pensar o impuro se não face ao puro. Para a mídia, convém, então, delimitar antes de tudo a pureza, tarefa da maioria dos artigos do início do século, ao menos até a Segunda Guerra Mundial. Trata-se, sem dúvida, de erigir o corredor e o atleta como modelos de pureza.

Antes da Segunda Guerra Mundial, praticamente, nenhum artigo faz alusão ao doping, exceto aquele de *L'Auto* (27 jul. 1914, p. 5), onde é citado o *koto*, uma bebida a base de coca preconizada para melhorar o rendimento dos atletas nas etapas de montanha, assim como o álcool que ora surge como estimulante, ora como causador de deficiências. "O álcool é um veneno violento" (*L'Auto*, 4 ago. 1907, p. 3). A água é louvada. Há também uma valorização do chá e do café, sendo que, algumas vezes, são rejeitados por causarem irritações gástricas.

Nos artigos da mesma época não há qualquer alusão a atropina, a estriquinina ou a outras substâncias dopantes utilizadas nos cavalos. Porém, sabe-se a partir de outras fontes (De Mondenard, 1990) que nesse mesmo período essas substâncias foram utilizadas para homens.

Alguns *soigneurs* são estigmatizados por conhecer "segredos", esses que algumas vezes são levados ao túmulo. Todavia, essa noção de segredo perdida é percebida como lamentável pelos jornalistas que escreveram os artigos.

Um artigo no *La vie au grand air* (n. 84, p. 41, 1900) faz uma clara alusão à "picada mágica", cuja receita é conhecida apenas por um *soigneur* e cujo conteúdo é desconhecido pelo corredor, conforme podemos notar no seguinte trecho:

No exercício de suas funções, o *manager* possui, de uma certa forma, o papel de médico e a seringa Pravaz não apresenta segredo para ele, se ela, "*a seringa*", guarda um pouco do conteúdo para a pele de seu *potrinho* (*La vie au grand air*, 84, p.41).

Nesse breve trecho dois elementos merecem destaque: a noção do segredo, que permite ao corredor permanecer puro apesar de tudo, face à possibilidade da impureza da seringa, e o fato de o corredor ser chamado de *potrinho*, nome que remete às corridas de cavalos e, portanto, a possibilidade de um doping, ou, ao menos, da utilização de produtos impuros oriundos do hipismo.

Os *soigneurs*, em decorrência dessas práticas são rapidamente estigmatizados e considerados como nocivos aos corredores, tornando-se assim, veículos privilegiados da impureza. Pensa-se até mesmo em suprimi-los e substituí-los sistematicamente por médicos. Por vezes a suspeição chega a ser mencionada, porém, nenhuma prova é apresentada; fala-se, por exemplo, no *L'Auto* de 8 de julho de 1907, de preparação, pelos treinadores, de "bebidas reparadoras" sem qualquer precisão.

As anfetaminas chegaram na França, de fato, com os soldados americanos que desembarcaram na Normandia, em 1944, e principalmente com os pilotos da

*Royal Air Force* (RAF) durante a batalha da Inglaterra<sup>7</sup>; contudo, não é possível afirmar que não houvesse anteriormente outras formas de doping.

E certo é que foi colocado em evidência o papel nefasto dos *soigneurs* tanto no atletismo quanto na Tour de France cycliste; “[...] Isto prova que as fraudes devem ter sido numerosas, e que a eliminação dos *treinadores* e sobretudo a dos *soigneurs* é quase ilusória” (*La vie au grand air*; 1904, 232, p. 558).

Na verdade, trata-se, no plano simbólico, de pôr a culpa no estrangeiro, o que vem do exterior, e também o mais fraco, afim de não recusar o princípio da pureza, algumas vezes natural como é o caso da metáfora da água pura, mas igualmente sobre a pureza da raça princípio sobre o qual se fundamenta a atividade esportiva desde sua origem. O ser puro é o campeão. Os *soigneurs* podem ser impuros, o que não altera a simbologia pura do campeão. A raça do campeão, nesse sentido, como aquela do “puro sangue” é evocada muitas vezes, então, como um dos elementos suscetíveis de favorecer a vitória. Quanto mais pura for uma raça, mais ela será suscetível de produzir campeões. Vemos assim que esse conceito de “pureza natural” ou essencial é o constituinte fundamental do mito esportivo.

Não será mais possível empregar a noção de “raça pura” após a Segunda Guerra Mundial. Nos periódicos estudados de 1898 a 1936, os artigos mencionam raças degeneradas como as raças européias que vivem no conforto há muito tempo, e raças selecionadas pela sua audácia, coragem e pela força, tal como a “raça americana”.

Um artigo de *La vie au grand air*, de 1900, número 84, explica que a “raça anglo-saxônica” (p. 552) possui qualidades impossíveis de serem encontradas na Europa, pois “[...] existe a questão do atavismo travando o caminho da vitória para nossa geração de franceses, [enquanto uma] raça jovem está se desenvolvendo no Novo Mundo”. Mais claramente ainda explica-se que é uma raça de pioneiros que precisou lutar contra imensas dificuldades e conheceu uma seleção natural, apenas os mais fortes sobreviveram. Reencontramos essa teoria ainda em 1920 na escrita do célebre doutor Marc Bellin du Coteau:

A raça americana foi gerada por uma seleção natural à moda do Darwinismo: imigrantes de origem britânica que necessitaram primeiro lutar para se ambientar, depois para sobreviver. Os indivíduos oriundos desta seleção possuem, evidentemente, um potencial energético superior ao do Europeu estabilizado (*La vie au grand air*; 412, p.21).

---

7. Nota do tradutor: pilotos franceses combateram juntos com os pilotos da Royal Air Force (RAF), durante a chamada da Batalha da Inglaterra, a qual precedeu o desembarque na Normandia em 1944.

Essa noção de degenerescência da raça é evocada após o surgimento das teorias de Darwin e de Galton, principalmente, por numerosos médicos que trabalhavam no domínio do exercício físico, no decorrer desse período. Essa noção de “raça pura”, purificada ou não-degenerada é, todavia, relativizada desde 1919 por alguns jornalistas, provavelmente após o desenvolvimento do internacionalismo e da guerra de 1914. *La vie au grand air*, em 1919, número 358, p. 16, explica que: “Não acreditamos no cansaço ou na degradação da raça francesa: nossos atletas corretamente treinados são capazes de rivalizar com os do resto do mundo [...] As raças latinas são realmente maravilhosas” (*L'Auto*, 17 de julho de 1907, p. 3).

Mas a purificação ascética pode ser criticada também, assim um artigo de 1904, no periódico *La vie au grand air*, descreve um “craque treinando” e explica que o principal consiste em uma alimentação bastante sadia, mas, ao fazê-lo, esse craque “[...] sacrifica à sua forma, grande parte dos prazeres da existência” (*La vie au grand air*, p. 405). Todavia, o atleta cuja raça não é “pura” deve encontrar outros meios de purificação. O ascetismo é um meio bem conhecido em todas as religiões do mundo e utilizado aqui na “religião do excesso” para retomar a expressão do barão de Coubertin.

Percebemos que, de qualquer modo, o corredor ciclista é, sem dúvida, e segundo a expressão de Jean-Marie Brohm (1976) “um modelo de comportamento” para a mídia esportiva estudada. Portanto, o impuro não pode lhe ser imputado sob pena de desacreditar o modelo.

## O segredo

A noção de segredo é um dos elementos fundamentais que permitem entender sobre quais bases constrói-se a idéia de doping e, de um modo geral, aquilo que distingue o moralmente aceitável e inaceitável. A noção de segredo é uma constante nas representações dos treinos. Seus detentores na primeira metade do século XX foram, geralmente, os *soigneurs* ou os treinadores, nunca os médicos.

A noção de segredo, no domínio do esporte, é essencial para permitir a transmutação do puro em impuro, do *fortifiant* em *topette* ou em *charge*.

No início do século, porém, essa noção de segredo não parece necessariamente maculada pela impureza uma vez que, na maioria dos casos, trata-se de segredos ligados ao treino.

É o caso do treinador Choppy em 1903. “Choppy, falecido, levou com ele o segredo de seus treinos que guardou a vida toda com muito ciúme” (*La vie au grand air*, 1903, p. 405).

Vemos então que, se o segredo faz-se presente, ele não é condenado. É associado, de um modo geral, a uma espécie de *savoir-faire* tradicional e eficaz. Será somente após a Segunda Guerra Mundial que essa lógica oscilará.

Assim, quando os russos participaram pela primeira vez dos jogos olímpicos, em 1952, *L'Equipe* desvela por trás de sua preparação física um mistério que poderia rapidamente tender para a suspeição. Um novo grupo de estrangeiros exige, nesse espaço social, uma definição ainda mais restrita da noção de pureza e uma maior transparência: "Mistério no assunto do treino dos Russos, no campo de Otamini" (*L'Equipe*, 17 jul. 1952).

Em todos os casos circulavam segredos em torno da preparação dos atletas, de sua nutrição, dos grupos de corredores do Tour de France cycliste e dos *soigneurs*.

### A suspeição

Desde antes da Primeira Guerra Mundial o uso de bebidas com produtos suspeitos foi descrito por jornalistas. Durante muito tempo, porém, a evidência desse fato não foi constatada, a não ser quando ocorreram erros de dosagem ou crises gravíssimas:

Encontrei Duboc sofrendo com terríveis soluços e náuseas que o deixavam esverdeado, acometido por uma diarreia terrificante e vômitos dolorosos [...] cheirei pessoalmente o cantil que estava a seu lado, e que não me pareceu ter o aroma de chá (*L'Auto*, 21 de jul. de 1911, p. 1).

É sempre por trás dos produtos não revelados que se esconde o mal. O segredo cria a suspeita midiática e jornalística: "Certos corredores entregam-se, como se diz, à uma misteriosa alquimia de pequenos frascos destinados a aumentar o 'teto' de suas capacidades" (*L'Equipe*, 26 jul. 1950).

Em relação a esse tema, o único elemento capaz de dar tranqüilidade seria o controle médico, pois assim o segredo seria validado por uma garantia ou, pelo menos, tenderia para a segunda lógica explicativa, qual seja, aquela da pureza.

## CERTEZAS, REVELAÇÕES E EXCLUSÕES

### A certeza do doping

Finalmente chega o tempo de revelação. Não há mais dúvida. Alguns corredores ciclistas, talvez até todos estejam doentes, às vezes, gravemente, ou mesmo

morrerão por causa do doping. A partir desse momento o doping é dramatizado pela mídia.

O abandono de J. Malléjac na décima primeira etapa: Marseille, Avignon, permanecerá como o *Casodo* Tour de France, 1955, já que teve por consequência, para os organizadores, a abertura de um inquérito sobre o mal vergonhoso do ciclismo, um mal secreto, protegido por uma [...] conspiração do silêncio (*Le miroir des sports*, 4 jul. 1955, p. 39).

Nesse momento, uma verdadeira *omerta*<sup>8</sup> mafiosa é revelada. O caso Mallejac abre a caixa de Pandora: “Desde a abertura do inquérito sobre o doping [...] o andamento da corrida, sem dúvida, havia seriamente enfraquecido” (*L'Equipe*, 21 jul. 1955).

A partir do fim dos anos de 1950 podemos constatar que um grande número de artigos do *L'Equipe*, intitulados “Não há fumaça sem fogo”, dedicam-se unicamente, ao doping. O mundo da imprensa esportiva, provavelmente, percebeu a necessidade de continuar a representar o esporte e os atletas como puros. Trata-se, portanto, de estigmatizar os produtos impuros e quem os utiliza, já que o perigo mostra-se grande demais para a instituição. Todavia, na perspectiva de Mary Douglas, essa definição do sujo não é tão presente aqui por ela mesma, mas, pelo que define de uma ordem social interna.

O médico, então, transforma-se em protetor antidoping, mantendo um estatuto de puro e de seu protetor:

Não há fumaça sem fogo.

A verdadeira dinamite entrou na corrida [...] Em Luchon, o doutor Dumas reuniu os massagistas-*soigneurs* de modo a lutar contra a nova ofensiva dos dinamitadores do “Tour de France” [...] O perigo se apresenta ainda maior, pois, novos produtos estão sendo [...] utilizados [...] tais como os derivados da nitroglicerina (*L'Equipe*, 12 jul. 1958).

A série dos artigos “Não há fumaça sem fogo” prossegue após o caso Mallejac.

A anarquia é completa e total no domínio da “charge” [...] Certos corredores ciclistas tomam não importa o que e não importa como. E deve-se admitir que estes citados corredores não podem funcionar somente com a água da fonte [...] (*L'Equipe*, 9 jul. 1959).

---

8. Nota do tradutor: O autor utiliza a palavra *omerta* em língua italiana cuja definição é a seguinte: *omerta* é a lei do silêncio da Mafia Italiana *Camorra*, cujo primeiro artigo é o de jamais revelar o autor de um delito. Por extensão, é um silêncio que se impõe em todas as comunidades que tem interesse no assunto (Le petit Larousse Illustré, 2005).

Finalmente, nessa transição e a partir do fim dos anos cinquenta de um modo geral, o jornalista parece admitir que uma *charge* não-anárquica, e talvez sob controle médico, é aceitável na medida em que os corredores “não podem funcionar só com a água da fonte”. Vemos reaparecer a metáfora da pureza virginal da água da fonte (a pureza humana?) porém, dessa vez, a constatação é totalmente ao contrário, visto que se trata de declarar que essa pureza não permite aos corredores *funcionarem* nas condições normais da corrida. Em outras palavras, o conceito de pureza parece ter oscilado para o lado do “controle médico” e não mais para o lado do produto em si que não mais será impuro se for decretado aceitável pela medicina.

É necessário notar também que a denominação do doping mudou: *topette* tornou-se o mais transgressor e o mais violento tomando o lugar da *charge*. O importante é que a partir desse momento o doping tornou-se uma certeza para os jornalistas esportivos.

Auxílios não secretos são lícitos?

O doutor Dumas utiliza uma substância que poderia ser considerada como impura, mas como, nesse caso, a idéia é de tornar mais “saúdável” e de colocar-se ao lado da vida do corredor ciclista, até mesmo de sua sobrevivência, o produto não-secreto retoma o estatuto de puro. Tomado às escondidas seria provavelmente impuro. “O Doutor Dumas aplicou-lhe uma injeção de novocaína” (*Le miroir des sports*, 5 ago. 1956).

A declaração de um corredor ciclista, dez anos antes, foi suficiente para tornar um produto puro, mesmo não sendo sua transparência total, pois não se sabia qual era esse produto. “Não seria capaz de sair d’Aix se não tivesse mandado que me aplicassem seis injeções no joelho de um produto que sabia que me fazia bem” (*L’Equipe*, 1 ago. 1946).

Às vezes a metáfora da água pura é transferida para outros produtos colocados explicitamente em evidência, e nesse caso o duplo sistema do puro e do não-secreto coincidem e se sobrepõem. O açúcar é visto como um auxílio “ergo-gênico” puro. Sua brancura é muitas vezes destacada além de suas qualidades energéticas. Sistemas místicos profundos parecem, então, organizar os discursos.

Um produto duvidoso pode até ser evidenciado se sua revelação for feita pelo próprio corredor ciclista. A revelação, em si mesma, purifica o produto. “Um veterinário de Saintes lhe propõe um produto sensacional e inofensivo que produz uma “revolução tal no sistema nervoso” que um ciclista qualquer sobe encostas habitualmente inacessíveis para ele” (*L’Equipe*, 10 jul. 1954).

## A revelação e a exclusão dos “impuros”

A luta contra o “impuro”, seguida da lei do doping, tem seu início. Nenhum segredo e nenhuma impureza são tolerados desde o momento em que a revelação da evidência de doping for feita.

O pelotão inteiro do Tour de France cycliste é brutalmente suspeito de dopagem. O artigo do qual extraímos um trecho, apresenta em sua conclusão, forte probabilidade do conjunto dos corredores não terem controle sobre os produtos que utilizavam.

Uma atmosfera de escândalo e de suspeição [...]

Espetáculo lamentável em Luchon Carcassonne! Corredores à deriva, olhos esbugalhados segurando a barriga, muito doentes. Nencini e Assirelli incapazes de se manterem em pé [...] Uma intoxicação alimentar, pretendiam alguns. A “charge”, afirmavam outros (*Le miroir des sports*, 9 jul. 1962, p. 9).

A partir do momento em que o doping dos corredores é evidenciado, será necessária a exclusão das “ovelhas negras”.

O problema do doping foi recentemente evocado na imprensa [...] Os organizadores do Tour não esperaram que a questão fosse levantada para lutar contra o doping com certa eficiência [...] Os organizadores do Tour já excluíram, há tempo, as *ovelhas negras* de sua prova (*Le miroir des sports*, 9 jun. 1960, p. 7).

Tom Simpson vai tornar-se o apologista de um treino puro sem o uso de nenhum estimulante. Três anos antes de sua morte por abuso de anfetaminas, ocorrida na montanha do Ventoux, foi entrevistado inúmeras vezes por *L'Equipe* e *Le miroir des sports*, entrevistas, nas quais, denunciava o doping. Grande número de corredores célebres terá o mesmo fim: denúncia do doping e morte por doping. Um dia, apologistas contra o doping, e outro, incriminados pelo seu uso. A continuidade diacrônica do *L'equipe* e *Le miroir des sports* é, desse ponto de vista, eloqüente.

## HIPÓTESES EXPLICATIVAS

A retomada moderna de um mito relativa ao tema do puro e do impuro

Aquilo que parece ocorrer na “religião do esporte” surge possivelmente de uma retomada contemporânea do mito bíblico fundador. Efetivamente, se o atleta encarna a pureza original e natural, como já vimos, aquilo que se passa no domínio do esporte de alto nível, nos reaproxima do pecado original e da expulsão do ho-

mem do Éden por haver mordido a maçã do pecado e do conhecimento. O sistema de doping no Tour de France cycliste, em particular, e nas grandes competições internacionais, em geral, funciona apoiado nesse mesmo modelo mitológico. Encontramos, aliás, essa visão em outros mitos antigos como aquele de Prometeu ou de Ícaro.

Todavia, com Mary Douglas, podemos ir além e afirmar que algo mais entra em jogo na lógica do puro e do impuro, na ordem da “poluição” e da “sujeira”. O corpo do atleta é de uma pureza encarnada que nada deve macular, tal qual aquele de Adão e Eva no Éden. Esse corpo representa, portanto e sem dúvida, um mito inteiramente oposto ao corpo faustiano, totalmente construído pela cultura e evidenciado por Michel Onfray (2003) em seu livro *Féeries anatomiques*. O doping, portanto, representa para a sociedade esportiva a sujeira que define a ordem fundamental dessa sociedade.

### Utopia da comunicação

Uma segunda hipótese permitiria explicar a obstinação demonstrada em relação ao segredo do doping esportivo após a Segunda Guerra Mundial ou, ao menos, explicar o seu surgimento.

O fato de as anfetaminas serem utilizadas cada vez mais massivamente tem, sem dúvida, um papel, todavia, e, com certeza, o surgimento da *Utopia da comunicação* também o tem, como o explica Philippe Breton. Nesse caso a dinâmica essencial evocada não é mais a do puro e do impuro como em Mary Douglas, mas, sim, a do segredo.

Após 1944 constatou-se, com efeito, que dois terríveis segredos não foram revelados ao mundo: o Holocausto e Hiroshima. Como consequência surge o desejo de uma transparência absoluta em todos os espaços humanos, uma transparência quase totalitária denominada “utopia da comunicação”. O segredo, onde quer que ele esteja, não é mais aceito. Isso explicaria que o puro pode transformar-se em impuro pelo único fato de não ter sido “comunicado” ao público. Assim, uma farmacopéia é pura se ela for pública e impura se não o for. Uma única exceção vai ao encontro dessa lógica, aquela do segredo médico, a única que permanece aceitável, pois até mesmo o segredo jurídico é refutado cada vez mais.

### O segredo, o puro e o impuro

O primeiro momento no *corpus* estudado, mais exatamente aquele entre as duas guerras, é marcado pela estigmatização dos homens mais fracos do sistema, vistos ainda como impuros, os *soigneurs*.

O segundo momento no *corpus* estudado, entre os anos de 1955 a 1965, consiste em mostrar nos artigos dos periódicos, a existência do uso de produtos impuros, trazidos inicialmente pelos *soigneurs*. Às vezes, surgem discussões com os médicos para saber onde se encontram os limites do puro e do impuro. Porém, nesse mesmo momento alguns corredores afirmam serem contra o doping e morrem devido ao doping<sup>9</sup>. Esse acontecimento problematiza a pureza essencial do atleta.

O terceiro momento, em torno dos anos 1965, faz emergir à ação dos corredores ciclistas, uma *omerta* até de equipes, insuportável para o mundo da "utopia da comunicação", na qual médicos são, por vezes, implicados. O segredo não é mais admissível qualquer que ele seja.

Finalmente, após a promulgação da lei contra o doping em torno de 1964 que define ou tenta definir o impuro, os corredores ciclistas resistem, com violência, iniciando uma greve. Não é admissível para eles, serem possivelmente vistos como capazes de ingerir produtos impuros uma vez que, na condição de atletas, são o símbolo do puro.

No momento seguinte, entre os anos de 1970 a 1980, os mesmos corredores ciclistas que por vezes são apologistas da luta antidoping vêem-se acusados de dopar-se após controles médicos. Suspeita-se, então, de manipulação dos controles. Na realidade, trata-se sempre de projetar o erro para o exterior: os atletas, símbolos da pureza original, não podem ser os culpados.

O último momento de nosso *corpus*, entre os anos de 1980, nos conduz à esta evidência: o puro, o corredor ciclista, o atleta, contém ou ingere o impuro. Portanto é necessário protegê-lo contra ele próprio para que permaneça puro.

### Conclusão sobre o sistema fundador

O campeão é símbolo de pureza e de transparência desde a sua origem: ele é o portador do mito da pureza original. Tudo é elaborado, então, para reforçar essa imagem e, ao mesmo tempo, para protegê-la. É por essa razão que os jornalistas agem de modo a alterar minimamente essa imagem ideal. Porém, o impuro ronda esse ícone, por vezes muito perto, como é o caso dos *soigneurs* ou dos médicos. Mesmo se um atleta ingerisse um produto impuro, não seria ele, em primeira instância, considerado assim. Permaneceria protegido ao máximo e todo o sistema atuaria para protegê-lo. Poder-se-ia acreditar, por exemplo, que o produto impuro teria sido ingerido com a finalidade de tratamento e os jornalistas continuariam a duvidar pelo tempo mais longo possível.

---

9. Como por exemplo Tom Simpson.

Com a finalidade de proteger esse ideal de pureza utilizam-se produtos que mascaram a “sujeira”. Porém, se o fato for realmente comprovado, o campeão não é mais campeão uma vez que destruiu o mito e isso é irreversível.

A personagem de Richard Virenque no *Guignols de l'info*<sup>10</sup> representa um atleta “dopado sem seu pleno consentimento” e expressa com perfeição o sistema montado para proteger o atleta e mantê-lo como símbolo de pureza.

É, portanto, à uma estrutura esquizofrênica que chegamos. A realidade vivida pelos atletas é presa entre dois sistemas de normas contraditórias e incompatíveis, as quais devem submeter-se de modo imperativo para tornarem-se campeões. É talvez essa dupla opressão que em uma perspectiva antropológica delimita a pureza e a impureza, a comunicação e o segredo, a ordem e a desordem, o aceitável e o inaceitável.

Doing during the XX<sup>th</sup> century in France:  
representations of purity, non-purity and secret

*ABSTRACT: This paper deals with the representations of doping in four important journals during the XXth century in France. Purity, non-purity and secrets are three concepts which allow to understand how those system get organized during time. This idea is based on Mary Douglas anthropological work concerning pollution, purity and non-purity. But the concept of secret is also one of the decisive elements to understand the relationship between the two precedent concepts*

*KEY-WORDS: Doping; history of sport; purity and non-purity; cyclist.*

El doping a lo largo del siglo XX:  
representaciones del puro, del impuro y del secreto

*RESUMEN: Este artículo analiza los sistemas de representación del doping en cuatro periódicos deportivos franceses, durante el siglo XX. Pureza, impureza y secreto son tres conceptos a partir de los cuales es posible entender como estos sistemas fueron organizados a través del tiempo. El estudio toma como base los trabajos antropológicos de Mary Douglas, relativos a los conceptos de polución, pureza e impureza. Por su parte el concepto de secreto es considerado, ya que se constituye en uno de los elementos decisivos para entender la relación entre los dos precedentes.*

*PALABRAS CLAVE: Doping; historia del deporte; pureza y impureza; ciclista.*

10. *Guignol de l'info*, é um programa apresentado pelo canal *Plus* de uma emissora de televisão francesa.

## REFERÊNCIAS

- AUNEAU, Gérard. *Dopage et mouvement sportif*. Presses universitaires du sport, 2001.
- BOURGAT, Michel. *Tout savoir sur le dopage*. Favre, 1999.
- BRISSONNEAU, Christophe. *Entrepreneurs de morale et carrières de déviants dans le dopage sportif*. Thèse, 2003.
- BROHM, Jean Marie. *Sociologie politique du sport*. Paris: Delarge, 1976.
- DOUGLAS, Mary. If the dogon... *Cahiers d'Études Africaines*, Paris, t. 7, n. 4, p. 659-672, 1967.
- \_\_\_\_\_. *De la souillure*. Paris: Maspéro, 1971 (première édition, 1966, *Purity and Danger*. London: Routledge).
- \_\_\_\_\_. *La pureté du corps*. Terrain: carnets du patrimoine ethnologique. Paris, n. 31, p. 5-12, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Leviticus as literature*. London: Oxford University Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *De la souillure: essai sur les notions de pollution et de tabou, la découverte*. Baltimore: Penguin, 2001.
- \_\_\_\_\_. *L'anthropologue et la Bible*. Paris: Bayard Culture, 2004.
- DUCARDONNET, Alain; PORTE, Gérard; BOULANGER, Pascal. *Le guide sport santé*. Aubin imprimeur, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *L'Histoire de la folie*. Paris: Gallimard, 1962.
- HOULIHAN, Barrie. *Dying to win: doping in sport and the development of anti doping policy*. Ed. Conseil de l'Europe, 1999.
- JENNINGS, Andrew. *La face cachée des jeux olympiques*. s. l.: L'Archipel, 2000.
- LAURE, Patrick. *Le dopage*. Paris: PUF, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Histoire du dopage et des conduites dopantes: les alchimistes de la performance*. Elipse, 2004.
- LE PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉ (100. ed.), Paris: Editoria Larousse, 2005, p. 754.
- MIDOL, Nancy. *Performance et santé*. s. l.: Clermont-Fernand, 1991.
- MONDWARD, Jean Pierre de. *Dopage: l'imposture des performances*. s. l.: Chiron, 2000.
- MOTTRAM, David. *Drugs in sport*. s. l.: Taylor & Francis, 2003 (troisième édition).
- NORET, André. *Le dopage*. s. l.: Vigot, 1990 (deuxième édition).

ONFRAY, Michel. *Féeries anatomiques : généalogie du corps faustien*. Paris: Grasset, 2003.

PETIBOIS, Cyril. *Des responsables du sport face au dopage*. S. l.: L'Harmattan, 1998.

SCHNEIDER, Angela; HONG, Fan; BUTCHER, Robert. *Doping in sport : global ethical issues*. Taylor & Francis, 2004.

WADDINGTON, Ivan. *Sport, health and drugs : a critical sociology perspective*. E. & FN Spon, 2000.

WALDER, Gary, *L'Athlète et le dopage*. Paris: Vigot, 1999.

YONNET, Paul, *Système des sports*. Paris: éd. Gallimard, 1998.

### *Fontes*

#### LA VIE AU GRAND AIR

Microfilm

Bibliothèque Nationale de France (B.N.F.)

Cote: M- 11466

21 artigos

De 1900 Thème: (número 41) à 1920. Lê XV Tour de France (número 18 e 19)

#### *JOURNAL L'AUTO*

Bibliothèque I.N.S.E.P. (Paris)

de 1 jul. 1903 a 27 jul. 1914

110 artigos

#### BUT ET CLUB: LE MIROIR DES SPORTS

B.N.F.

57 artigos

Cote: FOL-JO-3800

*Le Miroir des Sports*

de 9 fev. 1922 (número 90) a 26 set. 1968

#### L'EQUIPE

225 artigos

Bibliothèque de Beaubourg

Cote: MICR D-365

*L'Equipe*

de 30 jul. 1946 a 4 ago. 1998 (p. 4)

Recebido: 7 jan. 2005  
Aprovado: 24 mar 2005

Endereço para correspondência  
Jacques Gleyse  
L'IUFM de l'Académie de Montpellier  
2 Place Marcel Godechot  
BP 4152  
34092 Montpellier Cedex 5  
France